

# O FILÓSOFO E O ARQUEÓLOGO\*

por

**Richard Bradley\*\***

*Não é do conhecimento público que um famoso filósofo, Robin Collingwood e um influente arqueólogo, Gerhard Bersu, tenham escavado, individualmente, o mesmo monumento pré-histórico, em campanhas sucessivas. As suas preocupações eram totalmente divergentes, e as observações de ambos perfeitamente contraditórias. Este artigo relata o desenvolvimento desse projecto de escavação e propõe uma reflexão sobre as suas implicações na prática e na teoria da Arqueologia.*

Devo começar por explicar o título deste artigo, já que ele comporta um duplo significado. Apenas indirectamente diz respeito à relação entre a Filosofia e a Arqueologia, pois é antes à relação entre dois homens, que escavaram o mesmo sítio arqueológico nos alvares da Segunda Guerra Mundial, que ele se refere de modo mais preciso. Se esta história tem uma moral, como acredito que tem, é porque a experiência de ambos cria uma espécie de parábola.

Os dois homens em questão, um filósofo e um arqueólogo, eram das pessoas mais conceituadas nas respectivas áreas científicas, sendo de realçar ainda que ambos exerceram uma tão forte influência nos meios académicos, que ela se estendeu até aos nossos dias. O filósofo era Robin Collingwood, professor de Filosofia Metafísica na Universidade de Oxford e autor da obra *The Idea of History* (Collingwood 1936; 1946); o arqueólogo, Gerhard Bersu, um auto-exilado da Alemanha nazi, após ter perdido o seu posto de Director da Römisch-Germanische

---

\* Trata-se de um artigo, que embora publicado pela primeira vez, em inglês – Bradley, R. (1994), *The philosopher and the field archaeologist: Collingwood, Bersu and the excavation of King Arthur's Round Table*, *Proceedings of the Prehistoric Society*, 60, 27-34 –, integra agora algumas alterações que o autor considerou pertinentes.

Tradução livre de Lara Bacelar Alves e Maria de Jesus Sanches; revisão de V. O. Jorge.

\*\* Univ. de Reading, U.K.

Kommission (Kramer 1964; Bittel 1986); o sítio, um monumento pré-histórico, chamado King Arthur's Round Table – o local perfeito para um duelo de cavaleiros.

Os protagonistas não podiam ser menos parecidos um com o outro. Bersu era um homem prático, com um excelente domínio das técnicas de escavação e com um interesse particular por povoados pré-históricos. Trabalhara na conservação e protecção de monumentos e de colecções museológicas. Foi ainda um administrador de sucesso, auto-confiante, por vezes mesmo corrosivo – um técnico que o sistema vigente valorizava pelo seu profissionalismo. Collingwood era um homem mais moderado, um arqueólogo amador, oriundo de um meio intelectual, pois o seu pai tinha sido professor de História da Arte. Mas a ele foi-lhe difícil optar por uma profissão, já que aos vinte anos ainda não tinha conseguido decidir-se entre a carreira académica e a composição musical. Quando aceitou o lugar na Universidade, não leccionou apenas uma, mas duas disciplinas, transformando-se num filósofo influente e no principal historiador da época romana na Grã-Bretanha. Deste modo, a sua carreira desenvolveu-se paralelamente à de Bersu, já que este último se dedicou à Arqueologia Clássica, tendo dirigido as suas primeiras escavações na fronteira do Reno. Por seu lado, o trabalho de campo de Collingwood centrou-se na Muralha de Adriano.

O interesse que Bersu manifestou, a partir dos anos vinte, pela escavação de povoados pré-históricos, chamou a atenção de O. G. S. Crawford, que desde logo o convidou para trabalhar na Grã-Bretanha. Crawford pretendia deste modo revitalizar a arqueologia britânica, de acordo com os objectivos da Prehistoric Society (Crawford 1955, 252-253). O envolvimento de Collingwood na Pré-história foi perfeitamente casual e decorreu do seu apego afectivo à paisagem do Lake District, onde tinha passado a infância. Tornou-se membro activo da Sociedade Arqueológica local e, na qualidade de presidente, organizou inúmeras excursões. Essas visitas estimularam o seu interesse pela Pré-história e conduziram-no ao inevitável envolvimento com o sítio de King Arthur's Round Table.

A filosofia de Collingwood, particularmente a Filosofia da História teve, desde então, uma influência permanente nos meios académicos, paradoxalmente em investigadores ligados a correntes de pensamento muito diferentes entre si. Collingwood influenciou o pensamento arqueológico vigente através dos textos de Stuart Piggott (1963), e a *avant garde* através de Ian Hodder (1991). Mas, à semelhança do que acontecera com os estudos de Gordon Childe, diferentes investigadores retiraram dos seus textos mensagens distintas. A maioria adoptou a concepção de investigação histórica de Collingwood como sendo um processo de pergunta e resposta.

No que diz respeito à escavação, Collingwood preferia projectos de pequena escala, com metodologias e objectivos muito precisos. Ian Hodder valorizou nele

um objectivo mais abrangente que é o da possibilidade de podermos alcançar o sentido de acontecimentos históricos específicos; nas palavras de Collingwood, “o conhecimento histórico é o conhecimento do que a mente realizou no passado, e, ao mesmo tempo, é o refazer disso tudo, a continuação de actos passados no presente” (1946, 218). Enquanto Renfrew salienta o papel da abordagem analítica de Collingwood como precursora da arqueologia processual (Daniel & Renfrew 1988), Hodder vê Collingwood como um pós-processualista antes de tempo (1991, cap. 5).

Por último, o sítio. King Arthur’s Round Table é um recinto definido por uma espécie de talude, em terra, situado no Noroeste de Inglaterra, e aí vulgarmente conhecido como ‘henge monument’. Este recinto foi parcialmente destruído pela construção recente de uma estrada, mas possui ainda uma das entradas. Um fosso interior acompanha o traçado do talude, e parte dessa área assim circunscrita é ocupada por uma plataforma (Topping 1992). Data possivelmente do III<sup>o</sup> milénio A.C.

Se destaquei a importância de Collingwood, foi por ter sido ele próprio quem definiu o projecto de trabalho para esta estação arqueológica, e é esse programa de investigação que revela a sua peculiar clareza de raciocínio. O projecto foi dado a conhecer pela primeira vez numa conferência, em 1936. Aí comparou King Arthur’s Round Table com outros monumentos rituais, especialmente com os do Norte da Grã-Bretanha (Collingwood 1936). Na sua síntese, elaborada em moldes extremamente actuais, sugeriu que pudessem ter existido estruturas no interior do perímetro cercado, e que aquelas seriam muito provavelmente de madeira. Se assim fosse, estes monumentos seriam como que os equivalentes, em madeira, dos recintos circulares de pedras soerguidas, que com uma implantação semelhante, se encontram noutros locais do Norte da Grã-Bretanha. Por vezes parece mesmo ter colocado a hipótese de que as construções em madeira tivessem sido substituídas por monólitos. Collingwood persuadiu a sua audiência de que esta hipótese poderia ser testada e, em 1937, iniciou o que pretendia viesse a ser a primeira de várias campanhas de escavação naquele local.

Felizmente sabemos exactamente o que ele esperava encontrar, pois além de o expor de modo claro na conferência, reiterou mais tarde os mesmos argumentos, logo nas páginas iniciais do relatório da primeira campanha de escavação (Collingwood 1938). O que é de destacar, é o facto de as hipóteses interpretativas, que esperaríamos actualmente como conclusões, precederem qualquer intervenção de campo. Com efeito, Collingwood, logo na sua introdução ao projecto, antecipa as eventuais conclusões. Há um pormenor que ilustra bem este facto. Collingwood estava de tal forma convencido de que iria encontrar estruturas de madeira, que contratou um trabalhador local, que tinha mostrado uma aptidão especial para localizar buracos de poste em estações arqueológicas situadas ao longo da Mura-

lha de Adriano. O que eu próprio questiono, é se Collingwood se sentiria realmente capaz de os identificar.

Alguns resultados da primeira campanha são incontroversos. Rapidamente se verificou que o fosso original tinha sido substancialmente remodelado há poucos séculos, quando parte do talude fora removido, provavelmente pelo proprietário de uma estalagem próxima, que pretendia construir um espaço de lazer no interior do monumento. O trabalho de Collingwood só começou a ser arqueologicamente revelador quando atingiu os níveis pré-históricos e identificou uma sequência estratigráfica. Encontrou vestígios de um pavimento na entrada – onde anteriormente Stukeley tinha descoberto dois monólitos fincados –, e no interior do recinto, debaixo de uma acumulação de material moderno, identificou ainda duas camadas estratigráficas sobrepostas. Estas estendiam-se por debaixo do talude, sendo, por isso, indubitavelmente pré-históricas. No centro do monumento Collingwood identificou uma estrutura a que chamou “vala de cremação”, que acabou por não conseguir escavar por falta de tempo. Contudo, o resultado mais importante deste primeiro ano de trabalho consistiu na identificação de buracos de poste e de alvéolos de implantação dos monólitos associados ao monumento original; a sequência estratigráfica permitiu relacioná-los com, pelo menos, duas fases de ocupação do sítio.

As fases mais antigas foram particularmente fáceis de definir porque estavam seladas por um estrato de sedimentos consolidados, e só foram identificadas após a sua remoção. Sedimentos escuros com restos de carvão indicavam os buracos de poste, alguns dos quais ainda continham um enchimento de pedras. Em planta, pareciam definir três círculos concêntricos, dois dos quais bastante próximos entre si; o terceiro, mais afastado, situava-se junto ao bordo interior do fosso. Neste último, os postes tinham sido abertos a intervalos de tal forma regulares adentro de um hipotético alinhamento, que era possível detectá-los abrindo simplesmente pequenas sondagens, a distâncias previamente conhecidas (Fig. 1a). Como estava influenciado por leituras interpretativas de outros locais arqueológicos, Collingwood identificou rapidamente King Arthur’s Round Table como sendo um monumento de madeira, comparável a Woodhenge. Fez notar, no entanto, que teria sido menos imponente, já que a implantação dos seus postes não necessitava do apoio de rampas. Sugeriu então que os dois círculos interiores integrariam a estrutura de um edifício coberto, definindo, o terceiro, a posição de um varandim. Dado que a camada que selava os buracos de poste se prolongava por debaixo do talude, Collingwood defendeu que a construção de madeira seria anterior àquela estrutura em terra. Foram igualmente descobertos buracos de poste na entrada, formando aparentemente duas linhas paralelas que se dirigiam ao centro do monumento. A Collingwood não foi difícil interpretá-las como uma avenida que conduzia ao edifício central. Isto poderia corroborar a indicação de

Stukeley de que, no século dezoito, aquela entrada ainda estaria flanqueada por dois monólitos.

Não me vou debruçar em especial sobre as estruturas da segunda fase de ocupação, porque são muito semelhantes às anteriores. Gostaria de realçar apenas uma das observações de Collingwood, respeitante a esta fase. Apesar de algumas daquelas estruturas em negativo serem de maiores dimensões que as outras, continham ambas pedras de enchimento, podendo tratar-se de fossas de implantação de uma série de monólitos (Fig. 1b).

No final da primeira campanha de escavação, Collingwood já tinha formulado todas as suas questões e obtido a maioria das respostas. Encontrara quase exactamente aquilo que esperava. Infelizmente não teve oportunidade de aprofundar as suas ideias porque adoeceu pouco depois da campanha. (Devo dizer, contudo, que leitores dos seus textos filosóficos julgam que isso não terá diminuído a sua capacidade intelectual; *vide* Donagem 1962; van der Dussen 1993).

Deste modo, Collingwood tinha que ser substituído por outro arqueólogo e Gerhard Bersu foi o escolhido. Por sinal, o final das escavações no monumento de Little Woodbury – o primeiro projecto de Bersu na Grã-Bretanha –, precedeu precisamente a segunda campanha em King Arthur's Round Table. Esta última campanha terminou uma semana antes do início da Guerra, altura em que Bersu, como alemão, passou de convidado a inimigo.

Não podemos dizer que Bersu era um “inocente” em teoria, nem que era simplesmente um técnico de génio. Como veremos de seguida, possuía uma aguda capacidade de entendimento dos processos de formação dos sítios arqueológicos e acreditava na possibilidade de poder reconstituir monumentos antigos através de paralelos etnográficos. Interessava-se igualmente pelos sistemas agrícolas do passado. No entanto, todas estas preocupações integravam uma forte componente prática. Não eram de modo algum filosóficas, e duvido mesmo que ele próprio lhes reconhecesse uma vertente teórica. Tal como para Crawford, a Antropologia tinha-lhe sido provavelmente dada a conhecer através da Geografia. Bersu começara a escavar vinte anos antes numa estação romana, em Halton, e formara-se numa escola alemã de trabalho de campo, inspirada na Geologia e nas Ciências Naturais. Acima de tudo valorizava a objectividade (Kossack 1992).

King Arthur's Round Table foi apenas uma das muitas escavações que Bersu dirigiu no Reino Unido e Irlanda. Durante as escavações em Little Woodbury trabalhou com uma equipa que incluía arqueólogos profissionais, mas aqui contou apenas com o mesmo tipo de mão-de-obra que Collingwood. Como a geologia local lhe era pouco familiar, decidiu estender a escavação para uma zona estéril, fora do perímetro do monumento (Bersu 1940). E foi aqui que a interpretação de Collingwood começou a ser posta em causa.

Mesmo para além dos limites do monumento, Bersu conseguiu identificar as duas principais camadas encontradas na campanha anterior. Como aquelas tinham sido previamente reconhecidas debaixo do talude, a sua interpretação começava agora a levantar sérias questões. Bersu, depois de consultar geólogos, percebeu que ambos os sedimentos eram de origem natural. Um consistia numa camada de argila com seixos rolados, e o outro, num determinado tipo de depósito periglacial. Após esta análise, os buracos de poste identificados por Collingwood constituíam um problema a resolver. Como poderiam estar selados sob sedimentos tão antigos? Bersu decidiu então examinar aquelas estruturas numa área já escavada na campanha anterior, relacionando-as com a estratigrafia da área contígua, ainda em escavação.

Tornou-se óbvio que existiam buracos circulares, com um enchimento de solo orgânico, que penetravam em ambas as camadas de origem glacial. Contudo, uma análise mais detalhada mostrou que continham ramificações horizontais laterais; tinham sido todos, sem excepção, feitos por animais. Os mais pequenos por toupeiras, ou por ratos; os maiores, interpretados por Collingwood como fossas de implantação de monólitos, teriam sido abertos por coelhos, texugos ou raposas. Mas como Collingwood apenas tinha visto estes buracos em planta, pareceram-lhe exactamente os buracos de poste que pretendia encontrar. Os animais haviam escavado as tocas em torno dos grandes seixos rolados, no subsolo, dando-lhes a aparência de pedras de enchimento.

E quanto ao característico enchimento, similar em todos eles, assim como aos vestígios de carvão que Collingwood descreveu no relatório? As tocas, depois de abandonadas, foram preenchidas com sedimentos de natureza orgânica, trazidos de fora, aquando do início da construção da área de lazer da estalagem. Até a “vala de cremação” continha o mesmo tipo de sedimentos, facto que Bersu explicou pela abertura de uma sepultura no século XIX. Já nada restava do monumento de Collingwood para além das estruturas em terra (Fig. 2a).

Qual foi então a interpretação alternativa de Bersu? Ele nada tinha de substancial para sugerir. O relatório da escavação (Bersu 1940) é judicioso, objectivo e absolutamente letal. Os registos gráficos mostram uma séria tentativa de registar exactamente tudo o que observara mas, na globalidade, o texto só vagamente toca na questão do significado arqueológico do sítio. Consequentemente, o relatório de Bersu raramente é consultado e o monumento pouco conhecido. Apesar de se tratar de uma referência importante, como documento ilustrativo da sua concepção de arqueologia de campo, aquele artigo não avança qualquer interpretação para o monumento de King Arthur's Round Table, pelo que em quase nada contribui para um melhor entendimento destas construções neolíticas.

O trabalho de Bersu em King Arthur's Round Table representa o triunfo da técnica sobre o conteúdo; o de Collingwood, o triunfo do raciocínio sobre a ma-

téria, o que mostra claramente como um observador inteligente se pode deixar aprisionar nas suas próprias interpretações apriorísticas. Naquela época, a abordagem de carácter mais objectivo de Bersu foi certamente alvo de algumas críticas; no entanto, apesar deste ter sido um dos seus trabalhos menos conhecidos, obteve o impacto revolucionário pretendido pelos responsáveis que intencionalmente o haviam chamado para a Grã-Bretanha.

A despeito de todas as falhas metodológicas e técnicas, a escavação de Collingwood perseguia hipóteses específicas, previamente formuladas, que baseava num questionário permanente de pergunta/resposta.

Nos nossos dias, esta atitude pode ser considerada um luxo, já que cada vez mais tempo e esforço é investido em escavações de emergência, tanto na Grã-Bretanha, como também no resto da Europa. O que a investigação reteve e acabou por sobrevalorizar, foi fundamentalmente o carácter de suposta “objectividade”, personalizada por Bersu. Muitos autores reconhecem esta mudança epistemológica, mas poucos a têm posto em causa. As técnicas têm vindo a ser valorizadas *per se*, e o registo transformou-se no objectivo mais importante da arqueologia de campo, em detrimento da compreensão histórica. Em muitos países, incluindo a Grã-Bretanha, a conservação de monumentos substituiu a investigação e actualmente o Passado não passa de um simples “recurso” a ser “administrado”, tal como o gás natural. Com esta mudança de perspectiva, qualquer tentativa de teorização em Arqueologia parece cada vez mais uma atitude de auto-comprazimento.

Significará isto que filósofos e arqueólogos de campo tenham enveredado por caminhos totalmente distintos? Creio que não, porque os defensores da nova ortodoxia não compreendem sequer a sua própria posição. Têm uma concepção falsa da teoria e baseiam-se numa leitura deturpada da História.

Abordemos este assunto por partes. A Arqueologia não depende de uma série de asserções verdadeiras, que se auto-legitimam a si próprias. Falar de uma sociedade já extinta, baseando-nos somente nos seus vestígios materiais, significa adoptar metodologias e tipos de abordagem muito especializados, alguns dos quais pertencem exclusivamente à Arqueologia. A natureza particular dos nossos documentos arqueológicos obriga a que só possam ser apreendidos através de técnicas adequadas, e analisados mediante uma escala temporal específica, diferente da de qualquer outra disciplina (Gosden 1994). Contudo, frequentemente, este tipo de abordagem não representa mais do que a primeira fase de um processo de construção intelectual, que de imediato capta as linhas de força delineadas por outras Ciências, sejam “sociais” ou “exactas”. A originalidade da Arqueologia reside na conjugação, única, de uma metodologia delineada em função dos seus objectivos, e de teorias gerais exteriores ao seu domínio particular, desde as teorias evolucionistas ou ecológicas, ao Estruturalismo e à História da Arte. A questão prin-

principal reside em saber como é que estas teorias se podem articular de modo coerente com o material arqueológico que recolhemos.

Simultaneamente, a Arqueologia integra uma componente prática que esconde alguns investigadores da responsabilidade última da sua actividade. As técnicas arqueológicas são de tal forma específicas e atractivas, que chamam a si pessoas que não se preocupam sobremaneira com a interpretação do passado. Procurar e encontrar é, para muita gente, uma experiência agradável. Contudo, induz no público a noção, errónea, de que a arqueologia é a escavação, a prospecção, a classificação e o desenho de artefactos. Pior ainda, alguns dos que exercem a actividade arqueológica caem na mesma armadilha, o que não é surpreendente numa cultura em que o documento objectivo é avaliado como um fim em si mesmo.

Esquecemos frequentemente que os métodos e técnicas não se geram de modo espontâneo. Têm de ser previamente delineados para assegurar a prossecução dos objectivos pretendidos. Não há regras para a escavação, a prospecção ou mesmo para análises de artefactos; existem somente convenções que podemos adoptar como meio de solucionar determinados problemas. Neste sentido todas as técnicas estão embuidas de teoria e sempre que as usamos estamos a teorizar. Por exemplo, é impossível iniciar uma escavação sem programar especificamente os parâmetros do registo arqueológico. Que área deve ser escavada? Que sedimentos devem ser crivados? Quando basta implantar somente os achados na quadrícula ou quando é que se torna imprescindível uma localização mais individualizada? Trata-se evidentemente de problemas práticos correntes, mas são igualmente questões teóricas.

Não esquecendo as considerações acima, voltemos aos nossos protagonistas e ao monumento de King Arthur's Round Table. Porque Collingwood tinha uma posição teórica previamente estabelecida, pôde delinear o projecto de escavação em função daqueles pressupostos. Pretendia testar a hipótese de que determinados tipos de estruturas arqueológicas conhecidas no centro-sul de Inglaterra, poderiam existir também nas terras altas do Norte. Admitiu uma estreita analogia entre os recintos cercados por monólitos (círculos líticos) do Norte, e as estruturas em madeira identificadas nos monumentos do Sul, defendendo que os primeiros, em pedra, deveriam ser mais recentes que os segundos. Collingwood concluiu que a posição tanto dos postes em madeira, como dos monólitos, poderia ser reconhecida no terreno, já que os buracos de implantação de ambos teriam deixado marcas identificáveis. Por outro lado, a sequência temporal proposta seria indicada pela associação estratigráfica entre cada uma das camadas e os respectivos buracos de implantação de postes em madeira, ou de monólitos. As sondagens abertas eram suficientemente alargadas para que aquelas estruturas pudessem ser identificadas. A lógica de Collingwood é clara e precisa, pois ao passar de ideias históricas



gerais para este caso concreto, estava a formular uma teoria relacionada com o modo de reconhecer estruturas no subsolo, e com os princípios da estratigrafia. Na primeira asserção utilizou uma analogia, onde paraleliza os monumentos arqueológicos com os vestígios de construções de outras regiões (e mesmo com edifícios modernos) e, na segunda aplicou um princípio básico da Geologia.

Bersu fez precisamente o mesmo e a sua interpretação do sítio baseou-se praticamente nas mesmas fontes. Os seus métodos de escavação deviam tanto ao que denominamos “*middle range theory*” (“teoria de nível médio”), como aqueles adoptados por Collingwood. A diferença reside na utilização mais eficaz daqueles métodos por parte de Bersu. Ambos adoptaram um modelo geológico na definição da sequência estratigráfica de King Arthur’s Round Table. No entanto, porque Bersu procedeu a uma análise geológica mais detalhada e sustentada, encontrou uma explicação distinta para a formação daquelas camadas estratigráficas. Ao mesmo tempo, a experiência que adquirira nas escavações de povoados, no Continente, permitia-lhe distinguir melhor as características dos buracos de poste pré-históricos. Ambos os investigadores observaram o mesmo tipo de estruturas, mas deram-lhes interpretações opostas. O facto de Bersu conhecer melhor as características das tocas de animais, permitiu-lhe adoptar técnicas de escavação diferentes, que utilizou para testar hipóteses alternativas.

Não pretendo acusar Collingwood de escavador incompetente, mas sim sublinhar que tanto ele como Bersu se basearam em princípios similares e utilizaram a mesma documentação no planeamento daquela escavação. Não existe sequer um contraste absoluto entre os dois relatórios publicados. Embora Collingwood tivesse sido vítima das suas próprias concepções apriorísticas, o seu artigo fornece elementos suficientes para que possamos reconstituir a sua linha de raciocínio; os desenhos e fotografias possibilitam-nos também uma avaliação precisa das suas conclusões. São antes as deficiências reveladas na interpretação das supostas estruturas arqueológicas, que põem em causa a plena aceitação daquele trabalho. Mesmo que Bersu nunca tivesse vindo a escavar o monumento de King Arthur’s Round Table, as questões contidas no relatório de Collingwood justificariam obrigatoriamente um novo projecto de investigação.

Acontecerá assim porque os registos dos arqueólogos têm alguma validade objectiva? A própria ideia parece-nos absurda se considerarmos a experiência de Collingwood, mas de há alguns anos a esta parte, as suas conclusões tem vindo a ser apreendidas como matéria de fé. Para muitos autores este representa o único critério para conduzir adequadamente a investigação. Entrevemos aqui o paradoxo da arqueologia de campo. Não pretendo dizer com isto que é nos registos originais que reside a autoridade. Devemos antes perscrutar as ideias na sua génese e avaliar os seus pontos fortes e fracos, em função dos objectivos pretendidos; só então as podemos utilizar (Barrett 1987). Esta ideia parece não ir além da

constatação do que é óbvio, mas torna-se necessário reafirmá-la na medida em que a relação entre o nosso filósofo e o nosso arqueólogo não é de modo algum consensual. Não devemos considerar Collingwood um fantasista, nem Bersu um cientista absolutamente racional. Tinham objectivos bastante diferentes, pelo que só podemos avaliar o seu trabalho tendo em consideração tanto esses objectivos como os métodos por eles utilizados.

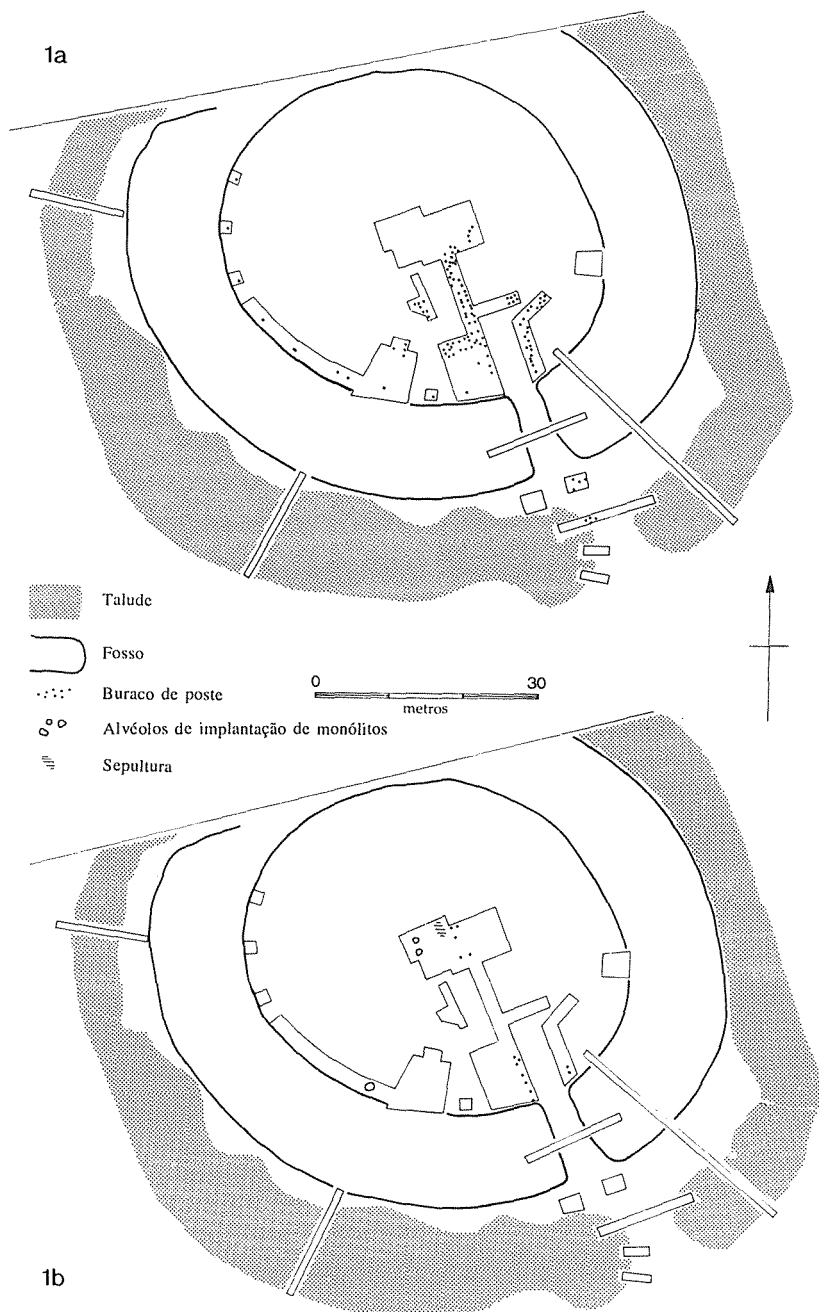
Torna-se fácil fazer juízos *a posteriori*, mas ironicamente é o filósofo que tem a última palavra porque, ao nível teórico, as suas hipóteses eram mais prescientes do que ele alguma vez viria a saber. Collingwood havia adiantado a hipótese de que nos recintos do Norte também poderiam vir a ser detectadas estruturas circulares de madeira, que seriam as antecessoras das feitas em pedra. Em King Arthur's Round Table encontrou mesmo um enterramento no centro do monumento. Bersu argumentou de forma consistente que aquelas estruturas nunca haviam existido. Estava quase certo. No entanto, escavações recentes acabaram por revelar exactamente o mesmo tipo de vestígios que Collingwood tentara encontrar. Em Balfarg, no Sudeste da Escócia, um recinto circular, precisamente do mesmo tipo de King Arthur's Round Table, continha pelo menos um círculo de postes que foi aparentemente substituído por um de monólitos (Fig. 2b). Também no centro deste monumento foi descoberta uma sepultura (Mercer 1981). Esta era precisamente a sequência que Collingwood tinha imaginado há mais de quarenta anos, mas que nunca conseguira identificar no campo.

Como qualquer parábola, esta história contém uma lição de moral. A Arqueologia não pode continuar a aceitar a ruptura entre teoria e prática por muito mais tempo. O monumento de King Arthur's Round Table foi escavado há mais de cinquenta anos, mas aquela questão mantém-se actual. A Arqueologia só pode amadurecer quando o filósofo e o arqueólogo forem uma só pessoa.

## BIBLIOGRAFIA

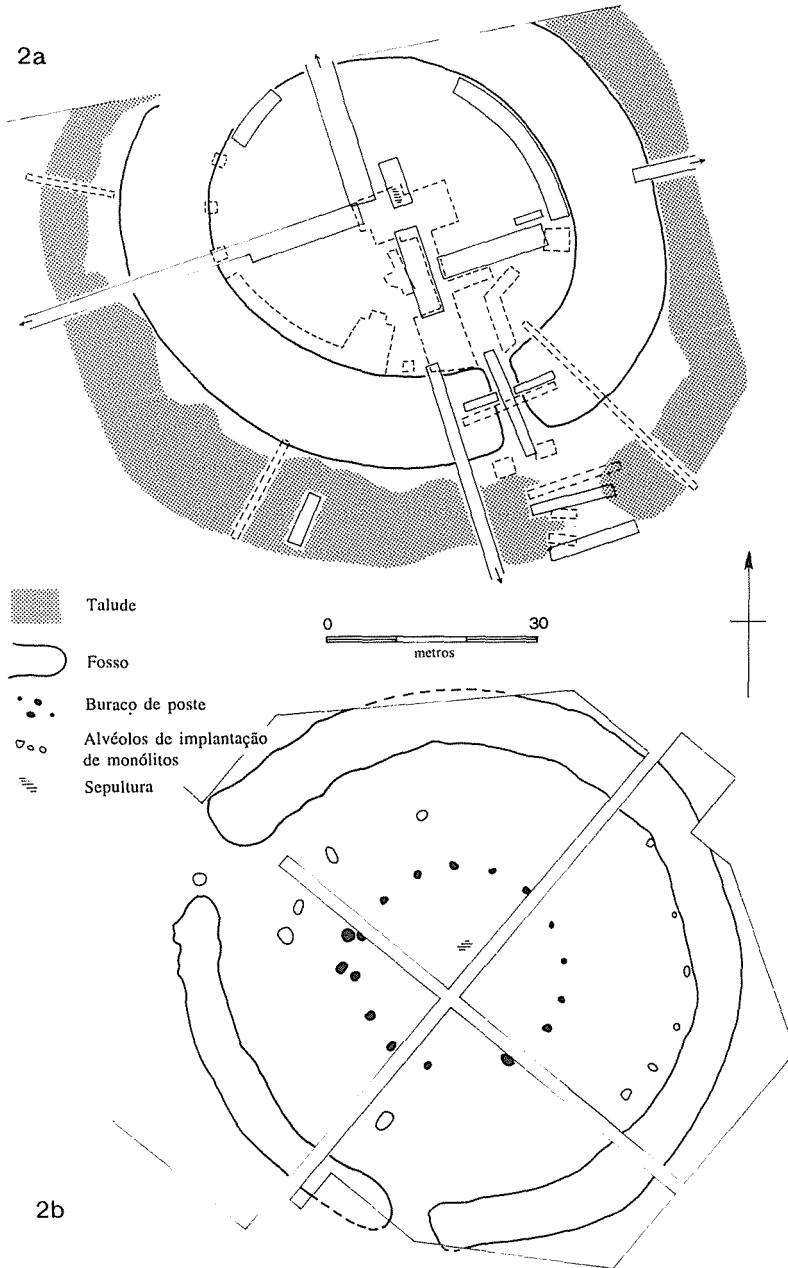
- BARRETT, J. (1987). The Glastonbury Lake Village: models and source criticism, *Archaeological Journal*, 144, 409-423.
- BERSU, G. (1940). King Arthur's Round Table. Final report, including the excavations of 1939, *Transactions of the Cumbria and Westmorland Antiquarian and Archaeological Society*, 40, 169-206.
- BITTEL, K. (1986). Gerhard Bersu (1889-1964), *Archäologie in Deutschland* 1, 8 e 13.
- COLLINGWOOD, R. G. (1936). Lecture summary, *Transactions of the Cumbria and Westmorland Antiquarian and Archaeological Society*, 37, 190-191.
- COLLINGWOOD, R. G. (1938). King Arthur's Round Table. Interim report on the excavations of 1937, *Transactions of the Cumbria and Westmorland Antiquarian and Archaeological Society*, 38, 1-31.

- COLLINGWOOD, R. G. (1939). *An autobiography*, Oxford: Clarendon Press.
- COLLINGWOOD, R. G. (1946). *The Idea of History*, Oxford: Clarendon Press.
- CRAWFORD, O. G. S. (1955). *Said and Done*, London: Weidenfeld and Nicholson.
- DANIEL, G. & Renfrew, C. (1988). *The Idea of Prehistory*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- DONAGEM, A. (1962). *The Later Philosophy of R. G. Collingwood*. Oxford: Oxford University Press.
- DUSSEN VAN DER, W. J. (1993). Editorial introduction to R.G. Collingwood, *The Idea of History*, revised edition. Oxford: Oxford University Press.
- GOSDEN, C. (1994). *Social Being and Time*. Oxford: Blackwell.
- HODDER, I. (1991). *Reading the Past*, second edition. Cambridge: Cambridge University Press.
- KOSSACK, G. (1992). Prehistoric Archaeology in Germany: its history and current situation, *Norwegian Archaeological Review* 5.2, 73-109.
- KRAMER, W. (1964). Gerhard Bersu Gedächtnis, *Bericht der Römisch-Germanischen Kommission* 5, 1-12.
- MERCER, R. (1981). The excavation of a late Neolithic henge-type enclosure at Balfarg, Markinch, Fife, Scotland, *Proceedings of the Prehistoric Society of Antiquaries of Scotland* 111, 63-171.
- PIGGOTT, S. (1981). Summary and conclusions, in G. Daniel (ed), *Towards a History of Archaeology*, 186-189 London: Thames and Hudson.
- TOPPING, P. (1992). The Penrich henges: a survey by the Royal Commission on the Historical Monuments of England, *Proceedings of the Prehistoric Society* 58, 249-264.



**Fig. 1** – Planta esquemática de King Arthur's Round Table (seg. Collingwood 1936), mostrando as estruturas que atribuiu à sua primeira fase. Na Fig. 1 b estão representadas as estruturas pertencentes à segunda fase de Collingwood.

(Desenho: Margaret Mathews)



**Fig. 2a** – Planta esquemática de King Arthur’s Round Table (seg. Bersu 1940), indicando a extensão da escavação de Collingwood (tracejado) e as sondagens de Bersu (linha contínua). Note-se que, à exceção da possível sepultura, todas as estruturas identificadas por Collingwood foram excluídas.

**Fig. 2b** – Aspecto geral do monumento de Balfarg (seg. Mercer 1981) mostrando as principais estruturas descobertas durante a escavação.  
(Desenho: Margaret Mathews)